

M. R. CAREY



Tradução de Edmundo Barreiros

FABRICA231

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

PRIMEIRA PARTE – NO PAÍS

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

SEGUNDA PARTE – GESTAÇÃO

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

1

TODAS AS RESPONSABILIDADES FORAM passadas e todos os assuntos foram discutidos até que nem sofressem mais com isso. Finalmente, depois de uma centena de partidas em falso, Rosalind Franklin começa sua viagem rumo ao norte — de Beacon, na costa sul da Inglaterra, até as terras bravias das Highlands escocesas. Poucos acreditam que vá chegar tão longe, mas se despedem com fitas e guirlandas mesmo assim. Vibram com a mínima possibilidade.

Rosie é impressionante de se ver, um leviatã terrestre, mas não é de jeito nenhum a maior coisa que já andou sobre rodas. Nos anos antes do Colapso, os motorhomes mais luxuosos, os classe A movidos a diesel, tinham bons dezesseis ou dezessete metros de comprimento. Rosie é menor que isso: tem de ser, porque a blindagem é extremamente grossa e há um limite para o peso que as lagartas aguentam. Para acomodar uma tripulação de doze pessoas, certos luxos precisaram ser sacrificados. Há um único chuveiro e uma única privada, cujo uso é rigidamente regrado. O único espaço particular é nos beliches, empilhados de três em três como um hotel-cápsula de Tóquio.

O avanço é lento, uma peregrinação através de um mundo que deu as costas para a humanidade quase uma década atrás. O Dr. Fournier, em um discurso inspirador, compara a tripulação com os reis magos da Bíblia que seguiram uma estrela. Ninguém mais na tripulação acha a analogia plausível ou cativante. Eles são doze, para começo de conversa, mais para apóstolos do que reis magos, e de jeito nenhum estão seguindo uma estrela. Estão seguindo uma

trilha percorrida um ano antes por outra equipe em um veículo blindado exatamente como o deles — uma trilha planejada por um grupo de especialistas incontroláveis através de todo terreno que o território da Grã-Bretanha tem a oferecer. Campos e campinas, florestas e colinas, as turfeiras de Norfolk e as charnecas de Yorkshire.

A aparência de todas essas coisas, pelo menos para a Dra. Samrina Khan, é igual ao que se lembra de antigamente. Acontecimentos recentes — o colapso da civilização global e a quase extinção da espécie humana — não deixaram nelas nenhuma marca que ela consiga ver. Khan não se surpreende. A época do domínio humano sobre a Terra é pouco mais que uma gota no oceano do tempo geológico, e é preciso muito para provocar qualquer ondulação nesse oceano.

No entanto, as cidades grandes e pequenas mudaram de forma indescritível. Eram construídas para pessoas e, sem pessoas, não têm identidade nem propósito. Perderam a memória. Há vegetação por toda parte, suavizando os megálitos construídos pelo homem em formas novas e irreconhecíveis. Prédios comerciais se transformaram aos poucos em platôs, praças públicas se metamorfosearam em bosques ou lagos. Esvaziadas do passado que as definia, elas se entregaram sem protesto, deixando de ser assombradas por significados humanos.

Entretanto, ainda há muitos fantasmas para quem os procura. Os membros da equipe científica evitam os famintos sempre que possível, fazendo contato quando estritamente necessário (ou seja, principalmente quando o cronograma exige amostras de tecido). A escolta militar, em virtude das armas, tem uma terceira opção à qual se dedica com vigor.

Ninguém gosta dessas incursões, mas o cronograma é específico. Ele os leva a todos os lugares onde pode haver informação pertinente escondida.

Sete semanas depois de sair de Beacon, eles chegam a Luton. A soldado Sixsmith estaciona e desliga o veículo no meio de uma

rotatória na A505, que combina uma posição extremamente defensável com visibilidade excelente. A equipe de amostragem caminha dali até o centro da cidade, uma viagem de menos de um quilômetro.

Esse é um dos lugares onde a tripulação do Charles Darwin, seus falecidos predecessores, deixou guardadas culturas de espécimes para crescer em material orgânico obtido na área adjacente. A orientação da equipe é resgatar esse legado de espécimes, o que exige apenas um cientista com uma escolta de dois soldados. A Dra. Khan é a cientista (ela fez questão e trocou suas tarefas com Lucien Akimwe por três dias consecutivos). A escolta consiste no tenente McQueen e no soldado Phillips.

Khan tem suas razões pessoais para querer visitar Luton, e elas se tornavam mais prementes a cada dia de progresso. Está com medo e está em dúvida. Ela precisa de uma resposta para uma pergunta e espera encontrá-la em Luton.

Eles caminham devagar por todas as razões de costume — vegetação rasteira densa e barricadas aleatórias de construções desabadas, alarmes e desvios de atenção sempre que qualquer coisa se move ou faz algum som. Os soldados não têm necessidade de usar as armas, mas veem vários grupos de famintos a distância e mudam de rota toda vez para minimizar as chances de um contato imediato. Eles mantêm o passo mais lento possível, porque, mesmo com gel bloqueador espalhado por cada centímetro de pele exposta para abafar seu cheiro, é possível que os famintos percebam o movimento rápido e vejam presas em potencial.

Khan pensa em como eles devem parecer estranhos, embora quase certamente não haja ninguém por perto para vê-los. Os dois homens, cada um deles facilmente com mais de um metro e oitenta, e a mulher pequena e magra no meio. Ela não alcança nem os ombros deles, e suas coxas são mais finas que seus antebraços. Eles podiam carregá-la com todo o equipamento e manter o passo. Passa de meio-dia quando chegam à Park Square, aonde os diários do Darwin os levaram. Então demora um bom tempo para localizar

o repositório de espécimes. Os cientistas do Darwin tinham limpado uma área de três metros antes de posicioná-lo, de acordo com suas ordens, mas um ano inteiro de crescimento havia ocorrido desde então. O invólucro laranja-forte do repositório está escondido em um emaranhado de espinheiros tão densos e fartos que parecem armadilhas de tanques. Quando finalmente o localizam, precisam usar facões para chegar até lá.

Khan se ajoelha sobre o espinheiro amassado e a seiva gotejante para verificar o lacre nos recipientes dos espécimes. Há dez deles, todos de um cinza militar em vez de transparentes, porque o fungo no interior cresceu e encheu completamente o espaço interno. Isso provavelmente significa que os espécimes são inúteis e não oferecem nenhuma informação além do óbvio – que o inimigo é robusto, versátil e nada exigente em relação a pH, temperatura, umidade ou qualquer outra droga de coisa.

Mesmo assim, a esperança é maior que tudo, e o objetivo da missão não é negociável. Khan transfere os recipientes para os bolsos no cinto. McQueen e Phillips ficam parados bem ao seu lado, observando a praça silenciosa de um lado para outro com um olhar cauteloso.

Khan se levanta, mas permanece no lugar quando McQueen gesticula bruscamente para que ela e Phillips saiam dali.

– Preciso fazer uma incursão rápida – diz ela, torcendo para que a voz não traia seu nervosismo.

O tenente olha para ela com enorme indiferença, sem demonstrar nenhuma emoção no rosto largo e achatado.

– Isso não está no diário – diz para ela sumariamente.

Ele tem pouca paciência para Khan e não tenta esconder o fato. Khan acredita que isso é porque ela (a) não é um soldado e (b) nem mesmo um homem, mas não exclui outras possibilidades. Pode haver até mesmo algum racismo naquilo, por mais estranho e ultrapassado que pareça nesses dias recentes.

Por isso, ela antecipou a resposta dele e preparou a própria. Ela saca uma lista do bolso de seu uniforme de campanha e a entrega a

ele.

— Remédios — diz ela enquanto ele a desdobra e examina com os lábios estreitos e tensos. — No geral, estamos bem, mas a área ao norte de Bedford sofreu muitos bombardeios. Se conseguirmos estocar um pouco dessa coisa antes de entrarmos na área incendiada, isso pode nos poupar muita dor de cabeça depois.

Khan está preparada para mentir se for necessário, mas McQueen não pergunta a ela se esse é um desvio autorizado. Ele supõe — e é uma suposição muito razoável — que ela não prolongaria aquela excursão sem ordens diretas do Dr. Fournier ou do coronel.

Então eles percorrem a curta distância até o shopping, um mausoléu adequado para um faraó antigo. Atrás de vitrines estilhaçadas, televisões de tela plana e computadores oferecem uma apoteose digital. Manequins enfeitados são testemunhas, ou então aguardam sua ressurreição muito tardia.

Ignorando todos eles, o tenente McQueen entra primeiro e segue na frente até o nível do mezanino. Quando chega ali, fica no corredor, com o fuzil destravado no automático, enquanto Khan e Phillips recolhem o butim precioso da farmácia Boots.

Khan fica com os remédios que exigem receita médica, deixando o soldado com a tarefa muito mais fácil de encontrar ataduras, curativos e analgésicos. Mesmo assim, ela deixa a lista com ele, assegurando-lhe que vai ser mais necessária para ele do que para ela. Isso, pelo menos, é verdade. Ela sabe muito bem o que está escasso e o que pode razoavelmente esperar encontrar.

Quer dizer, é apenas uma meia verdade. Ela também quer que o soldado Phillips fique com a cabeça baixa, decifrando a letra horrível dela enquanto segue pelos corredores. Se ele estiver lendo a lista, não vai estar de olho nela. Ela vai estar livre para empreender sua missão secreta — a que a levou até ali sem autorização e sem o conhecimento do comandante.

Os remédios que exigem receita estão guardados atrás de um balcão. Khan se abaixa ali e enche a bolsa com rapidez e eficiência.

Ela pega em sua maioria antibióticos, que são tão preciosos em Beacon que qualquer receita precisa ser assinada por dois médicos e um oficial do exército. Também tem uma embalagem cheia de insulina, que vai direto para a bolsa. Paracetamol. Codeína. Alguns anti-histamínicos.

Com a lista de compras oficial terminada, é hora de mudar de objetivo. Ela estava torcendo para achar o que estava procurando bem ali na área da farmácia, mas não há sinal disso. Ela ergue a cabeça acima do balcão para verificar a situação. O soldado Phillips está a cinquenta metros de distância, olhando sisudamente para a lista enquanto vai de prateleira em prateleira.

Khan cruza o corredor arrastando os pés em passos mínimos, quase dobrada ao meio, tentando não fazer nenhum barulho. Ela chega diante de um mostruário temático de higiene dental e examina as prateleiras de seus dois lados com urgência. Phillips pode terminar a tarefa e procurar por ela a qualquer momento.

A parte de seu corpo com a qual ela está preocupada fica muito abaixo de seus dentes, mas por alguma razão esotérica os produtos relevantes estão arrumados bem ali, na seção seguinte. Há três opções de marcas. Há longos dez anos, no último dia em que qualquer coisa foi vendida ou comprada nesse lugar, eles estavam em oferta especial. Khan não consegue imaginar como isso podia algum dia ter feito sentido, considerando as circunstâncias limitadas nas quais esses itens são úteis. Ou você precisa deles, ou não precisa e, se precisa, então o preço na verdade não é um fator. Com uma sensação de alívio, Khan pega um e o enfia na bolsa.

Pensando melhor, ela pega mais dois, ficando com um de cada marca. Dez anos é muito tempo e, mesmo por trás de lacres herméticos, a maioria das coisas acaba por se degradar: três lances de dados são melhores que um.

Ela ergue a cabeça acima do peitoril novamente e vê que o soldado Phillips está de costas para ela. Foi no tempo perfeito. Ela então sai para o corredor e descansa uma das mãos sobre o balcão da farmácia em um gesto relaxado. Aqui estou eu, diz a postura.

Onde estive todo o tempo. Onde tenho todas as razões para estar.

— Pronto — diz para ele.

Phillips não responde. Ele está olhando para alguma coisa no chão.

Khan vai e se junta a ele.

Ele encontrou uma espécie de ninho. Há um saco de dormir amarfanhado e sujo; uma mochila aberta, na qual Khan vê as tampas de várias garrafas plásticas de água e o cabo do que pode ser um martelo ou uma chave de fenda grande; duas pilhas arrumadas de roupas (jeans, meias, camisetas e alguns suéteres, nada evidentemente feminino, exceto por uma calcinha e uma blusa preta com babados nas mangas); algumas dezenas de latas vazias arrumadas em fileiras, a maioria das quais continha feijões assados ou sopa; e um exemplar em brochura de *The Magic Wishing Chair*, de Enid Blyton. Ali praticamente não há poeira, mas evidentemente nenhuma daquelas coisas era tocada há algum tempo. Folhas mortas vindas de uma janela quebrada em algum lugar tinham se acumulado junto delas, e ramificações de mofo preto subiam pela metade inferior do saco de dormir.

Alguém morou aqui, pensa Khan. O shopping devia parecer um lugar bastante bom para se esconder, oferecendo comida, abrigo e uma exposição sedutora de bens de consumo. Mas era, claro, uma armadilha mortal, com uma dezena de entradas e poucos espaços defensáveis. Essa eremita esperançosa provavelmente tinha morrido não muito longe de onde eles estavam parados. O soldado Phillips olha para aquela exibição patética com uma expressão pensativa e distante. Ele coça o rosto com uma barba levemente por fazer com a ponta de um dedo.

Então ele se agacha, põe o fuzil no chão e pega o livro, folheando as páginas com o polegar. Ele precisa fazer isso com muita delicadeza porque a cola com décadas de idade secou e rachou, e as páginas se soltaram da lombada. Khan fica perplexa. Ela imagina que *The Magic Wishing Chair* tenha estado presente de alguma forma na infância do soldado, que ele está comungando com alguma

parte enterrada de si mesmo.

Alguma coisa cai no chão. Um retângulo estreito de cartão fino, de uma cor dourada pálida. Ele traz uma única palavra: *Rizla*.

— Eu sabia — exulta Phillips.

Ele joga o livro para o lado. As páginas se derramam dele quando ele cai no chão, espalhadas como uma mão de cartas de baralho. Ele revira a mochila com um propósito sério, jogando de lado as garrafas de água parcialmente vazias e a ferramenta (um martelo), e sai com seu prêmio: um maço meio vazio de cigarros Marlboro Gold e um segundo maço ainda fechado. Eram moeda valiosa em Beacon, mas aqueles bastões cancerígenos não iam chegar tão longe de jeito nenhum.

Khan olha para baixo e observa as páginas espalhadas do livro. Uma delas tem uma imagem de duas crianças sentadas em uma cadeira voadora segurando firme seus braços enquanto voam ao redor de uma torre redonda no alto de um castelo. Há uma legenda embaixo da imagem. “*Uau, nossa cadeira mágica pode nos levar a qualquer lugar!*”, exclamou Peter.

— Conseguiu o que precisava, Dra. Khan? — pergunta Phillips.

Ele está alegre, expansivo, curtindo uma onda só de pensar naqueles cigarros.

— Consegui, Gary — responde Khan, deliberadamente impassível. — Tudo que eu preciso.

O caminho de volta a Rosie é abençoadamente calmo, mas, como a viagem de ida, é demorado e exaustivo. Quando eles entram na câmara selada, Khan está praticamente esgotada e só quer se deitar em seu beliche até o fim do dia. Mas John Sealey precisa cumprimentá-la e — sob o pretexto de uma conversa despretensiosa — assegurar-se de que ela está bem. O garoto Stephen Greaves demonstra menos, mas ela conhece sua linguagem corporal: ele precisa ser ainda mais tranquilizado que John e, acima de tudo, restaurar seu *status quo* por meio dos rituais que eles estabeleceram ao longo dos anos em que se conheciam — cumprimentos e diálogos cuja importância está inteiramente em serem ditos em vez

de no significado que possuem.

– Teve um bom dia de trabalho, Stephen?

– Não foi nada mal, Dra. Khan. Obrigado.

– De nada.

– Gostou de sua caminhada?

– Muito. Está um dia bonito lá fora. Você devia dar um passeio antes que o sol se ponha.

Ela se desvencilha delicadamente primeiro de John, depois de Stephen, então fica livre. O coronel está na cabine. O resto da tripulação tem que cuidar dos próprios assuntos e não quer se misturar com os dela.

Khan entra no chuveiro, pois Phillips já ocupou a privada. Ela se tranca e se despe rapidamente. Seu corpo está grudado de suor, mas não há nenhum cheiro além do odor levemente amargo do bloqueador E. Se houvesse, é claro, ela teria descoberto antes.

Ela abre os três pacotes um por um e guarda as embalagens nos bolsos. As caixas, dobradas apertadas e pequenas, vão em seguida. Em cada embalagem há uma vareta fina de plástico. Os desenhos são levemente diferentes, mas cada vareta tem uma janela no meio e fica mais grossa em uma das extremidades, onde você deve segurá-la.

Agachada no chão do chuveiro, com as pernas levemente afastadas, ela faz o que precisa ser feito.

A química é objetiva e quase infalível. A globulina anti-hCG é extremamente reativa a certos hormônios humanos, incluindo o hormônio gonadotrofina. Preparada de forma adequada, ela muda de cor na presença do hormônio.

O hormônio está presente na urina da mulher. Às vezes.

Depois de urinar nas extremidades funcionais das três varetas, ela espera em silêncio, observando as três janelinhas. Um resultado negativo vai lhe dizer muito pouco. A camada de proteína na tira preparada no interior das varetas pode ter se degradado demais para catalisar. Um positivo, por outro lado, vai significar o que sempre significou.

Khan obtém três positivos.

Emoções confusas surgem em seu interior enquanto ela olha fixamente para essas mensagens de seu próprio interior não mapeado, uma enchente de assombro, medo, descrença e infelicidade na qual a esperança flutua como um bote salva-vidas à deriva.

Após sete semanas de uma missão de quinze meses, dez anos depois do fim do mundo e a mais de cento e cinquenta quilômetros de casa, a Dra. Samrina Khan está grávida.

Mas ali não é Belém, e não vai haver nenhuma manjedoura.

2

HÁ DOZE DELES, mas eles se separam facilmente em dois grupos de seis.

A equipe científica é liderada pelo Dr. Alan Fournier, o comandante civil com responsabilidade geral pelo sucesso da missão. Ele é um homem magro e excessivamente meticuloso com o hábito de parar no meio de uma frase para organizar os pensamentos. É um hábito infeliz de se encontrar em um líder, mas, para ser justo, ninguém o considera como tal.

A escolta, composta por soldados e oficiais do Grupamento de Beacon, está sob o comando do coronel Isaac Carlisle, às vezes conhecido como Incendiário devido à sua associação com o uso ofensivo de produtos químicos incendiários. Ele odeia o apelido. Odiou aquela missão. O que ele pensa sobre esta não está registrado.

Na equipe científica, há três homens e duas mulheres:

Samrina Khan:	epidemiologista
Lucien Akimwe:	químico
John Sealey:	biólogo
Elaine Penny:	bióloga
Stephen Greaves:	ninguém sabe com certeza

Na escolta, também há duas mulheres e três homens:

tenente Daniel McQueen:	sniper e segundo em comando
cabo de artilharia Kat Foss:	sniper
soldado Brendan Lutes:	engenheiro

soldado Paula Sixsmith:

piloto

soldado Gary Phillips:

intendente

Os órgãos do governo em Beacon, o conselho civil chamado de Mesa Principal e o Grupamento Militar, não escolheram seus melhores nem mais brilhantes membros, embora procurassem fingir que faziam exatamente isso. O que eles na verdade fizeram, ou tentaram fazer, foi obter um equilíbrio que lhes desse a chance mais plausível de sobrevivência. Uma escolta maior teria sido possível simplesmente designando mais veículos para a expedição, mas cada soldado enviado teria enfraquecido as defesas de Beacon. McQueen e Foss, treinados no corpo dos atiradores, são soldados de elite e os mais difíceis de dispensar. Seu conjunto de habilidades era necessário diariamente para reduzir os famintos que se reúnem nos portões de Beacon. Os cientistas são outra história, mas em seu caso também havia questões de urgência cotidiana nas quais seus conhecimentos podiam ser aplicados. Ao enviá-los, Beacon assumiu um compromisso com o futuro, mas filtrado por uma camada de pragmatismo.

Doze homens e mulheres em um grande caminhão blindado não são um risco tão grande, no fim das contas. Eles levam muitas esperanças e sonhos consigo, mas, se por acaso forem perdidos, a perda pode ser suportada.

Eles sabem muito bem que são dispensáveis.

3

SETE SEMANAS OS LEVARAM ATÉ LUTON. Sete meses os levam até a Escócia.

O ano está se fechando para eles, assim como todo o resto. O último dos bons presságios evaporou muito tempo atrás. Eles não fizeram nenhum progresso, nenhuma descoberta. Milhares de amostras foram coletadas e testadas, milhares mais ainda estão por vir, mas ninguém na equipe científica acredita mais que haja qualquer sentido. Cada um deles esconde sua resignação, cinismo ou desespero pelo bem dos outros, reduzidos, agora, a uma esperança indireta.

Eles ficaram sempre perto do curso de Charles Darwin e conseguiram resgatar todos os repositórios de espécimes, com a exceção de um. O que eles perderam estava no platô de Cairngorm, perto do cume da montanha Ben Macdhui, e foi o Dr. Fournier quem tomou a decisão de deixá-lo onde estava. Ele alegou que não estava disposto a arriscar Rosie nas encostas íngremes, mas todo mundo traduziu “Rosie” nessa frase por “minha própria pele”. É um sinal, de todas as formas, de rendição iminente.

Os comandantes civil e militar simplesmente não estão preparados para esse propósito. Eles se odeiam e evitam a tripulação — a alternativa é forçá-los a tomar partido. Cabe ao tenente McQueen, na maioria dos dias, organizar a escala de escoltas, e à Dra. Khan ou ao Dr. Sealey, determinar tarefas para as expedições de coleta de amostras.

A gravidez de Khan está aparente. Por um tempo, seu estado era ambíguo e negável, se alguém a tivesse pressionado. Agora, passou,

e ela vai ser pressionada em breve.

Também há Greaves, embora as pessoas se perguntem por quê. Quem pensou que levar uma criança em uma missão como essa era uma boa ideia? Quando o Dr. Fournier vai removê-lo formalmente da escala em vez de lidar com suas inadequações?

Quando eles vão desistir e voltar?

Quando isso vai acabar?

Essa pergunta retórica ainda está pairando no ar quando a comunicação para de funcionar. O rádio ainda parece estar operacional, mas Beacon, seu lar e origem, base lógica e ponto de referência, para de responder.

Eles estão por conta própria.

SEGUNDA PARTE

GESTAÇÃO

ELES SE POSICIONAM EM TRÊS ONDAS.

Os praças vão primeiro. Esse é um termo do tenente McQueen, de mais ninguém, uma piada grosseira. Os três soldados fingem achar que é engraçado, mas a Dra. Khan se ofende por eles. Lutes é o melhor engenheiro de Beacon. Sixsmith era piloto comercial antes do Colapso e fica tão confortável com asas quanto com rodas. Phillips tem o físico perfeito de uma estátua clássica e pode fazer truques com cartas que intrigam até depois que ele explica como são feitos. Não há nada de praça em nenhum deles.

Eles andam rapidamente até a borda do morro em um passo acelerado e entrecortado. Cinquenta metros abaixo, se escondem atrás de um tojo que não oferece nenhuma proteção, mas pode ocultar um pouco as silhuetas à distância. Um cuidado pequeno como esse pode fazer a diferença entre a vida e a morte.

— Liberado — diz em voz baixa o soldado Phillips.

O som se propaga a uma grande distância ali fora. Não há necessidade de gritar, e muitas razões para não fazer isso.

Na ausência do coronel Carlisle, McQueen está no comando. Ele gesticula — um aceno circular com o braço, que está dobrado no cotovelo, com a mão apontada para cima. Para Khan, talvez porque a analogia dos três reis magos do Dr. Fournier esteja alojada mais fundo em seu cérebro do que ela gostaria, parece que ele está testemunhando o paraíso.

Na verdade, o gesto é para a equipe científica, que vai até lá em seguida. Ou melhor, dois terços dela fazem isso, incluindo a Dra. Khan, Elaine Penny, Lucien Akimwe e John Sealey. Os dois

membros restantes da equipe estão ausentes, excluídos desse dia de trabalho: Alan Fournier, como o líder da equipe científica e comandante civil da missão, está acima disso. Ele também deixou Stephen Greaves fora da escala do dia, sem confiar nele para fazer seu papel em uma ação em grupo coordenada, sabendo que o resto da equipe (exceto Khan) também não confia nele.

Khan sente esse insulto a Stephen mais fundo do que ele mesmo sente, mas, em geral, fica grata por sua ausência. Ele ainda é seu garoto, se não por sangue, então por algo igualmente denso e forte. Parte dela nunca conseguiu renunciar à responsabilidade de cuidar dele. Além disso, embora não admita nem para John Sealey, ela está aliviada de manter Stephen longe dessas coletas porque são espetáculos muito degradantes e brutais. Os famintos podem não ser mais humanos, mas ainda parecem pessoas reais. Vê-los serem ceifados como trigo revira seu estômago, não importa o que seu cérebro diga.

Ela chega ao alto do morro e começa a descer sobre os pés, as mãos e a bunda (deixando sua dignidade muito para trás, mas, a essa altura, ela não vai correr o risco de cair). De qualquer forma, seu passageiro chuta algumas vezes, talvez para registrar um protesto. Pouco antes de entrar nos arbustos, ela avista — pelo canto do olho — um grupo de famintos parados abaixo na encosta. A maneira mais segura de olhá-los é de lado. Se olhá-los nos olhos, eles atacam. Se fizer um movimento rápido demais, eles atacam. Se suar a ponto de ultrapassar o seu bloqueador E ou, que Deus não permita, soltar um pum enquanto está em campo, eles seguem a variação química e atacam.

Agora, porém, ela está em posição de segurança, com Phillips de um lado e Sixsmith do outro, seus fuzis prometendo um refúgio. Akimwe desce deslizando logo atrás dela, mal conseguindo controlar sua velocidade. Sua perna bate no flanco dela, e ele fica instantaneamente consternado.

— Desculpe, Rina — murmura. — Por favor, me perdoe.

Khan sacode a cabeça para mostrar que está tudo bem, ela não é

de porcelana, afinal de contas. Ao mesmo tempo, deseja que ele se lembre de ir mais devagar. Aquela descida podia muito facilmente ter sido rápida o suficiente para ser registrada pelas percepções dos famintos, e, se eles começam a andar, não param. Eles podiam estar subindo até ali nesse momento de cabeça baixa e com os braços pendurados naquela corrida feia e voraz que projeta adiante e para o centro suas mandíbulas abertas. Ela diz a si mesma que isso é apenas o fundo de seu cérebro falando. Se houvesse algum sinal de ataque em massa, Phillips, Sixsmith e Lutes estariam atirando, toda a equipe estaria voltando pela encosta, e o caos estaria instaurado.

Está tudo bem. Tem de estar tudo bem.

Porque lá vêm os snipers, andando sem nenhuma pressa em especial, sua graça muscular deixando Khan envergonhada por estar tão empoeirada, desgrenhada e com medo. Eles vêm pelo morro, lado a lado, como se estivessem em um passeio no campo, só os dois, com os M407 muito longos pendurados despreocupadamente sobre os ombros. Os três soldados sempre carregam os fuzis prontos, mas o tenente McQueen e a cabo de artilharia Foss exibem sua falta de prontidão, mostrando as mãos vazias. Kat Foss é quase tão alta quanto o tenente, uma predadora elegante e de membros compridos, com cabelo branco aparado como fumaça – a única mulher que tinha feito Khan sentir que seu metro e cinquenta e sete podia ser abaixo do apropriado.

Quando chega ao nível deles, McQueen inicia a tarefa com uma única palavra:

– Alvos.

Os membros da equipe científica, bem condicionados, erguem a cabeça acima da exuberância amarela das flores de tojo. Devem parecer muitos coelhos.

Triagem. É onde eles botam almas e penas na balança, supondo que reste alguma alma nesse vale além das deles próprios. Essa é uma pergunta premente, não um exercício filosófico: ela mantém Khan acordada à noite.

Ela permite que seu olhar viaje pela extensão do vale. É